

## PREFÁCIO

Vicente Molina Neto<sup>1</sup>

O tema que articula e impregna de sinergia o livro eletrônico **“O que Aprendemos Quando Ensinamos Educação Física? Relatos da Experiência do Estágio de Docência na Educação Infantil”** é a relação entre a formação docente, representada pela experiência de ensinar e de aprender no Estágio Curricular, e a contribuição da Educação Física para a Educação Infantil. No meu modo de ver, o nível de ensino que apresenta maiores dificuldades e desafios para a estudentada que realiza suas práticas docentes em ambientes escolares e para o professorado em geral. Dificuldades que tem a ver com os limites curriculares que as Licenciaturas em Educação Física em geral impõem aos estudantes, quanto ao entendimento idealizado do que é ser criança, a baixa instrumentalização didática para trabalhar com os pequenos e o seu discurso político-epistemológica que frequentemente centra a produção de conhecimento em outros âmbitos da formação humana.

Quando Lisandra Oliveira e Silva, Tiago de Matos Braga e Jamile Mezzomo Klanovicz nos perguntam: “O que aprendemos quando ensinamos Educação Física”, além de alinharem-se a perspectiva de Paulo Freire sobre a indissociabilidade do ensinar e do aprender, estão chamando nossa atenção: “– Atenção: Estão acontecendo eventos nas escolas que precisamos estudar e pensar sobre eles. Há um tipo de conhecimento que está circulando que sua integração aos processos de formação do professorado de Educação Física urge.” Em outras palavras, não só os organizadores, mas todos os autores, de certa forma, mostram que as instituições formadoras e seus currículos acadêmicos precisam incorporar os conhecimentos produzidos no campo da prática pedagógica em ambientes escolares.

Por outro lado, quando os organizadores trazem a público as narrativas dos estudantes de Educação Física sobre suas experiências nas escolas, estão indo a contrapelo da tradição oral que muito circula nos ambientes escolares e na tradição desse Componente Curricular. Eles estão registrando suas percepções, suas

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Barcelona. Docente de Graduação e Pós-Graduação da ESEFID/UFRGS. Líder do Grupo de Estudos F3P-EFICE da ESEFID/UFRGS, Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: Vicente.neto@ufrgs.br.

aprendizagens e seus estágios de professores iniciantes para que outros possam deles aprender. Mas, sobretudo, voltando a Freire, o conteúdo dos capítulos desse livro eletrônico representa para aqueles que normalmente não têm a oportunidade de dizer a sua palavra. Se colocar como sujeito no mundo. Fato que tem efeitos na identidade docente dos estudantes, que em breve, serão professores iniciantes na carreira.

As narrativas docentes em pesquisas recém-findas pelo Grupo de Investigação que participo vêm mostrando que o contexto da escola e da comunidade escolar, tanto em seus aspectos físicos visíveis, quanto os aspectos socio-econômicos e ideológicos invisíveis, interferem na construção da identidade docente dos professores de Educação Física iniciantes e no trabalho que efetivam nos ambientes escolares, na organização de suas práticas de ensinar e de aprender e em suas relações interpessoais na escola. Muitas vezes, experiências docentes sem respaldo institucional, sem apoio pedagógico e sem a acolhida de colegas mais experientes, resultam em uma dolorosa iniciação docente.

Não há protocolo, muito menos procedimentos consolidados para que os estudantes e professores possam superar esses desafios e conflitos resultantes de uma iniciação difícil. Grande parte dos estudantes de Educação Física, sabedores sobre o que acontece com o ensino nas escolas, especialmente as públicas, precocemente perdem o interesse na carreira docente. Outra parte, ainda mantém o interesse e vão assumindo certos compromissos com a docência. Diante das dificuldades, o mais fácil é buscar uma saída individualizada para superá-las no início da carreira docente (Lisandra, Tiago, Jamile e os autores dos diferentes capítulos que compõem esta obra não parecem pensar nesse modo de solução). Creio que estão cientes desse contexto que abarca a Formação e o Estágio. Assim, propõem uma obra em que estudantes, além de dizerem sua palavra, exercitam a dialógica conversando sobre suas práticas uns com os outros.

O Estágio é uma experiência única e transcendente na formação dos estudantes. Seus efeitos, ao mesmo tempo em que consolidam a perspectiva discente que têm do ensino, da escola, dos professores, da Educação e da Sociedade, também instauram outro modo de vê-los. Nessa ambiguidade, a ansiedade e a insegurança do quê e como ensinar, como lidar com seus alunos, como ser e estar na escola, ganham proporções, muitas vezes assustadoras, no dizer de Freire, "um

inédito viável”, por isso a necessidade de orientadores qualificados com capacidade de escuta para entender o que diz o olhar do estudante quando ultrapassa o portão da escola e entra em sala de aula pela primeira vez. O livro eletrônico que prefacio é rico em evidência da responsabilidade que essas “orientadoras” de Estágio demonstram com seu trabalho docente e seus estudantes, agora protagonistas e autores de textos muito interessantes.

**Vicente Molina Neto**